

FATOS E NOTAS

OS ATRIBUTOS DOS SANTOS NA REPRESENTAÇÃO ARTÍSTICA.

É costume, na arte, de mais de um milênio, representar certos Santos com "atributos", tais como animais ou objetos, que se referem à sua vida ou ao seu martírio. Em muitos casos, porém, tais atributos são meramente símbolos, como por exemplo a representação do Espírito Santo, por intermédio de uma pomba, Cristo com um cordeiro, o Bom Pastor, ou São Domingos, o fundador da Ordem dos Dominicanos, junto com um cão, que representa o "fiel guardião da religião e da fé".

A idéia de ligar certas divindades a seres irracionais vem dos tempos mais antigos. Estes podiam ser o símbolo de um deus. Os egípcios por exemplo conheciam deuses com cabeças de animais, ou o animal mesmo, que possuía propriedades "divinas", como o touro "Apis", descendente de uma vaca e um "raio celeste", ou a deusa da volúpia, a "Gata de Bubastis" — também representada como uma gata. Daí provavelmente se origina até hoje a superstição de ser o gato portador de graças ou desgraças. Lembremos aqui da "macumba", onde os "orixás" tem nas respectivas cerimônias os seus animais prediletos, geralmente para figurarem no seu "cardápio".

Não é este o momento para investigar porque os egípcios representaram alguns dos seus deuses em forma de animal ou, no mínimo, com uma cabeça de ave ou quadrúpede. Ora, isso tem explicação na mitologia egípcia.

Os gregos consideraram a águia como ligada a Zeus, o cervo acompanhava Diana, a deusa da caça; Palas Atenas tinha a coruja como símbolo da sabedoria; o Pégaso pertenceu aos poetas e em Roma o pavão foi a ave da deusa Juno.

A vêzes, estas propriedades "divinas" ou "malvadas" foram atribuídas à tôda a espécie, como o gato, que especialmente na Idade Média, era o acompanhante das bruxas.

E mesmo no firmamento encontramos figurado animais como o touro, o urso, os peixes, etc.

Mas certos atributos, bem como certos símbolos, tornaram-se também "marcas ou sinais" de reconhecimento: o peixe, devido às letras do seu nome em grego, **Ichthys**, no qual se en-

contra “escondido” o nome de “Jesus Cristo, Filho de Deus e Salvador” que foi desenhado nas paredes das casas, onde moravam os cristãos dos primeiros séculos e a *swastica*, por outro lado alcançou triste fama durante alguns anos da nossa época.

E desde que o emprêgo de animais ou objetos, o “tridente” (garfo de três dentes) de Poseidão por exemplo, era usado, nas artes plásticas, há mais de três milênios, não é de admirar que a arte cristã também se tenha servido desta possibilidade.

Nas catacumbas romanas do II século d.C. encontramos já a representação do profeta Daniel, por exemplo, com o leão, referindo-se ao Antigo Testamento, onde se narra a sua salvação de uma cova dêssees animais, ou do Profeta Jonas com a baleia, devido às suas “aventuras”, também contadas na Bíblia.

Cristo, o “Bom Pastor” é representado numa das raríssimas estátuas da arte cristã primitiva, com um cordeiro nas costas. A estátua data de 360 d.C., aproximadamente, e encontra-se atualmente no Museu do Latrão, em Roma.

No “Mausoleu de Gala Placídia” (cêrca de 450 d.C.) encontra-se um mosaico, que mostra Cristo também cercado pelo “rebanho humano”.

Os símbolos dos Evangelistas, o anjo, o leão, o touro e a águia já é encontrado num mosaico do fim do IV século, na Igreja da Santa Prudência em Roma, e seu uso tornou-se mais freqüente durante a Idade Média. Lembremos do excelente exemplo da Catedral de Angoulême (França), onde Cristo é representado também com os símbolos dos Evangelistas, uma verdadeira obra prima do século XII.

Naturalmente não estava a escôlha e criação de tais símbolos e atributos a mercê dos artistas, pois a tradição precisava ser observada estritamente. O segundo Concílio de Nicéia (787) ocupou-se também com a representação artística dos Santos. Algumas correntes artísticas, mesmo durante o séculos, consideraram tal representação, com ou sem atributos, puramente “pagã”. Por isso aquêlê Concílio determinou expressamente que a escôlha de tais atributos e a composição das imagens religiosas, no que se refere à pintura ou à escultura, não podia ser deixada inteiramente à iniciativa do artista, mas que “os princípios da Igreja e a tradição religiosa tinham de ser rigorosamente observados”.

E tais “princípios” encontram a sua expressão máxima, durante a Idade Média na “apoteose da alma” que se manifestava na humildade e na renúncia. Assim Santo Huberto teve durante a caçada a visão do cervo com a Cruz entre os chi-

fres, uma aparição que o levou a Deus; e São Martinho de Tours (circa 316-397, soldado romano, mais tarde cristão e desde de 371 Bispo de Tours) dividia a sua manta, naquele tempo símbolo da dignidade de um homem, com um mendigo, cortando-a em duas partes.

Naturalmente a “tradição” derivou a maioria dos seus atributos da vida e do martírio dos respectivos Santos.

São Longino, o soldado que tocou o corpo de Cristo no Calvário, com a sua lança, para verificar a morte de Nosso Senhor, tem conseqüentemente a lança como o seu “atributo” na representação artística, e São Dionísio (Santo Dénis) de Paris, mártir e patrono da França, que chegou no III século de Roma a Paris, onde foi, por causa da sua fé, decapitado, levando depois ainda a sua cabeça na mão, conforme a lenda, até uma aldeia, que mais tarde recebeu o seu nome e onde se construiu uma igreja. Por isso êle é geralmente representado com a cabeça na mão.

Porém, figuras abstratas recebiam muitas vezes tais atributos, como a “luxúria”, representada por uma mulher de cujo corpo saiam serpentes, pois estas e o dragão (lembrança dos acontecimentos com Adão e Eva no Paraíso) representam o demônio.

E no dragão muitos historiadores querem ver uma fraquíssima evocação da humanidade nos tempos pré-históricos, onde a terra de fato era habitada por tais animais e dos quais a lembrança foi conservada em mitos e lendas em muitos povos.

Mas, às vezes, encontramos entre os atributos dos Santos feições bem humanas e até humorísticas, como no “ganso”, também atributo do já mencionado São Martinho de Tours (pois muitos Santos possuem vários atributos). Este ganso (assado) foi e é ainda oferecido na sua festa, dia 11 de novembro, sendo êste costume mencionado, pela primeira vez no ano de 1171, na crônica do Convento de Corvey.

Uma das fontes mais importantes para o estabelecimento de atributos dos Santos durante a Idade Média, era também o assim chamado **Physiologus** (“o conhecedor da natureza”), um livro, escrito em grego, provavelmente no fim do II ou III século da nossa era, em Alexandria ou na Síria, cujo autor é desconhecido. O livro, porém, foi traduzido durante a Idade Média em várias línguas e foi bem conhecido na Europa. Fala das propriedades de animais, também mitológicos, tais como a fênix (símbolo da vida eterna), ou do unicórnio (símbolo da virgindade e pureza), explicando estas “propriedades” (in-

cluindo também as de certas plantas e pedras) na maneira mística e relacionando-as com Cristo ou com o demônio.

A literatura moderna se ocupava também às vezes com os animais, fiéis companheiros dos Santos. Lembremos da encantadora lenda do grande escritor holandês, Felix Rutten, que narra como os “animais entraram no paraíso”, começando com as saudades, que Nossa Senhora um dia sentiu do burrinho, que levou a Sagrada Família ao Egito, pedindo que a êsse animal fôsse reservado um lugarzinho modesto no céu. Logo depois os outros Santos se lembraram dos seus antigos amigos quadrúpedes. Santo Antônio Eremita lembrou-se do seu porco, São Marcos do leão, São Lucas do touro, etc. etc., até que finalmente todos êstes animais entraram para o Paraíso.

Naturalmente a identificação dos Santos nas representações artísticas não depende unicamente de tais atributos.

Muitos Santos, especialmente os que foram canonizados mais recentemente, nem sempre possuem atributos. Outros, mesmo antigos, podem ser reconhecidos pela roupa que usam, precisando-se então, no caso de um Santo de certa Ordem Religiosa, que o traje é escolhido na sua representação.

Finalmente, precisamos lembrar que a “corôa” como símbolo da “realeza”, pode ser usada somente por Nosso Senhor (Cristo-Rei) ou com pela Sua SS. Mãe, Rainha do Céu. Todos os outros Santos podem ser representados unicamente com o “resplendor” ou a “aureola”.

Isto vale também para um grupo, muito comum, de Sant’Ana representada com um livro na mão e a Nossa Senhora (como criança de qualquer idade) no colo ou ao seu lado, enquanto a Pietà (Nossa Senhora com o filho morto nos braços, depois da descida da Cruz) nas estátuas e quadros geralmente — por causa do assunto — se apresenta sem a corôa, mas com uma simples aureola.

Concluimos as nossas considerações com uma relação dos atributos e símbolos mais usados na representação artística.

Águia — São João Evangelista.

Âncora — São Clemente (de Roma).

Anjo — São Mateus Evangelista.

Balança — O Arcanjo Miguel (com as almas).

Baleia — O Profeta Jonas.

Bordão de peregrino — Jaime (Jacobus) o mais velho, São Filipe, São Rafael, São Roque (o último junto com um cão).

Cabeça cortada — São Dionísio (São Dénis) de Paris, Santo Albão, São Firminio.

- Cálculo biliar — São Libório.
- Cão — São Bernardo de Clairvaux, São Domingos, fundador da Ordem dos Dominicanos, São Roque.
- Caldeira — São João Evangelista, São Vito.
- Cálice — São João Evangelista, São Tomás de Aquino, São Norberto, São Conrado, Santa Bárbara.
- Caveira — Santo Aloisio, Santo Antônio, São Hierônimo (Jerônimo), Maria Madalena.
- Chapéu Cardinalício — São Bonaventura, São Jerônimo, os Santos Pais da Igreja.
- Chave — São Pedro Apóstolo.
- Colmeia — Santo Ambrósio, São Bernardo de Clairvaux.
- Concha — São Jaime (Jacobo) o mais Velho.
- Coração — Santo Agostinho, São Francisco de Sales, O Sagrado Coração de Jesus ou de Maria.
- Corôa — Cristo Rei, Maria, a Rainha do Céu.
- Corôa de Espinhos — Nossa Senhora dos Martírios.
- Cordeiro — Santa Inês (Santa Agnes), São João Batista, Cristo como o "Bom Pastor" — também símbolo de Cristo.
- Cruz — Santo André, São João Batista, Santa Helena e a maioria dos Santos da Igreja Ortodoxa, bem como São Pedro.
- Dragão — São Jorge, Santa Margarida, Arcanjo São Miguel.
- Escada — Santo Emerão (Emeranus).
- Esquadro — Apóstolo São Tomas, São José.
- Estrêla — São Domingos.
- Faca — Abrão, São Bartolomeu.
- Flagelo — Santo Ambrósio, São Pedro de Alcântara, Cristo Flagelado.
- Fênix — Símbolo de Cristo, Eternidade, Imortalidade, também símbolo da alma que ganha a vida eterna.
- Flecha — São Sebastião, Santa Úrsula.
- Frasco de remédio — Cosme e Damião, São Pantaleão.
- Ganso — São Martinho de Tours.
- Grelha, Grades — São Lourenço.
- Guindaste — Santo Erasmo.
- Igreja (um pequeno modelo) — Fundadores e Patrocinadores de Igrejas.
- Jarro — Santa Norburga, São Flóriano (protetor contra incêndios).
- Lata (caixinha de unguentos) — Santa Madalena.
- Lança — Santo Longinus (Longino), O Apóstolo São Tomas.
- Lança com pequena bandeira — Cristo Ressuscitado.
- Lavoura (objetos de) — São Isidoro (1070-1130).
- Leão — São Marcos, São Jerônimo, o profeta Daniel.
- Lírio — Santo Aloisio, Santa Ângela, Santo Antônio de Pádua, São José.

- Livro — Os Apóstolos, os Evangelistas, os Doutores da Igreja (especialmente Santo Alberto Magno), São Bonifácio.
- Maça — São Judas Tadeu.
- Machado — São Bonifácio, São José, São Judas Tadeu.
- Manta (cortando a) — São Martinho de Tours.
- Menino Jesus (com o) — Santo Antônio de Pádua, São Cristóvão (carregando o Menino Jesus nas costas), Santa Gertrudes, São Benedito (prêto).
- Mitra — Santos Bispos e Abades (especialmente São Bernardo de Clairvaux).
- Navio — Santa Adelaide, Santa Úrsula, São Nicolau.
- Objetos de agricultura — Santo Isidoro (1070-1130) trabalhando na lavoura.
- Olhos — Santa Lúzia (também com uma espada e dois olhos).
- Órgão — Santa Cécilia.
- Palma — Os Santos Mártires.
- Pão — Santa Isabel de Turingen, São Nicolau de Myra (com três pães e bolas sobre um pão).
- Pavão — Santo Libório — também símbolo da Ressurreição (da arte cristã primitiva).
- Pedra — Santo Estêvão, Santo Libório (calculo biliar).
Pele (esfolada) — São Bartolomeu.
- Pelicano — Símbolo do Sacrifício de Cristo.
- Pombo — São Gregório-o-Grande, Santa Escolástica, O Espírito Santo.
- Punhal — Santa Lúcia.
- Porco — Santo Antônio Eremita.
- Roca — Santa Isabel de Turingen.
- Roda — Santa Brígida, Santo Aleixo.
- Rosário — Nossa Senhora do Rosário, Santa Catarina de Siena, São Filipe Neri.
- Rosas — Santa Isabel de Turingen, Santa Tereza do Menino Jesus.
- Serpente — São João Evangelista.
- Serra — O profeta Isaias, O Apóstolo São Simão.
- Sudário — Santa Verônica.
- Turquezas — Santa Agata, Santa Apolônia.
- Torre — Santa Bárbara, São Hildegardo.
- Touro — São Lucas.
- Unicórnio — Símbolo da virgindade e pureza, Santa Agata, Santa Justina.
- Urso — São Gallus, São Columbano.
- Veado (com a Cruz entre os chifres) — Santo Eustáquio, Santo Ubertus (Umberto).
- Vela — São Blásio (com duas velas acesas) e Santa Brígida.

ENRICO SCHAEFFER

da Escola de Belas Artes de São José dos Campos.